

AS HISTÓRIAS: ASHKAN



Nome próprio: **ASHKAN**

Apelido: **SELFI**

Idade: **45**

País de origem: **IRÃO**

Vive em **Portugal** desde: **1988**

RESUMO

Foge de Teerã aos 14 anos por decisão do seu pai e para se reunir ao irmão que vivia em Portugal. Com forte apoio familiar, grande persistência, trabalho árduo e honestidade, ele superou os primeiros anos muito difíceis e enfrentou as dificuldades de linguagem, socialização e integração que experimentou. Formou uma nova família e hoje gere uma grande empresa de distribuição alimentar em Portugal. Apoia ativamente os novos refugiados no seu caminho de adaptação e inclusão na sociedade portuguesa.

“MEU FILHO ASHKAN IRÁ AO CASAMENTO!”

O CONFLITO

Na sequência da Revolução (1979) e da guerra Irão-Iraque (1980), registou-se no país um grande êxodo da população para fugir à violência e à falta de liberdade. A maioria das pessoas queria ir para os Estados Unidos. Como segunda opção vinham os países do norte da Europa, principalmente a

Alemanha. Algumas famílias, com familiares no exterior, tentavam que os seus filhos fossem para esses países. Isto também para fugir ao serviço militar obrigatório de 2 ou 3 anos e aos incentivos feitos nas ruas pelas milícias religiosas para que todos os jovens fossem para a frente.

A FUGA DOS RAPAZES SELFİ

“O meu irmão mais velho tinha 18 anos quando o meu pai o mandou embora, para fugir à guerra. Pagou a um traficante para o efeito. O meu irmão fugiu de burro, camelo e a pé. Passou a fronteira do Paquistão - um período muito tenso, porque não havia comunicação. Através de um outro traficante conseguiu um passaporte. Tentava ir para os EUA, onde morava um tio nosso. Foi preso no aeroporto de Frankfurt e ameaçado de deportação. Explicou que era um desertor aos olhos do governo do seu país. Se voltasse para lá, seria executado. Pediu asilo uma vez que seria morto no Irão. Disseram-lhe que não podia ficar na Alemanha, mas que poderia ir para Portugal. Quando avisou a família que estava em Portugal, correram a comprar um atlas, porque ninguém sabia onde ficava esse estranho país...!”

A FUGA DE ASHKAN

Entretanto, a revolução e a guerra agravavam-se, assim como as condições de vida.

“A nossa casa em Teerão ficava próxima da estação estatal de TV e os bombardeamentos eram constantes.”

Além dos bombardeamentos, a família de Ashkan sofria perseguição por parte das milícias (policia religiosa). Sentiam-se sempre em perigo. Os familiares não eram muito religiosos e as pessoas sabiam disto.

Na escola, as crianças recebiam visitas dos mártires que haviam perdido

Eu recebi um apoio familiar muito forte

AS HISTÓRIAS: ASHKAN

braços e pernas na guerra e também daqueles que se iam matar em nome da religião. Era um ambiente de terror.

Um dia, o pai de Ashkan foi ao mercado comprar dois tapetes persas. Com Ashkan, na época com 14 anos, dirigiu-se ao Consulado de Portugal e disse: *“O meu filho mais velho, que vive agora em Portugal, vai casar. Gostaria que alguém da família nos representasse no casamento. O meu filho Ashkan irá ao casamento!”* No Consulado foi concedido a Ashkan um visto por uma semana.

CHEGADA E VIDA EM PORTUGAL

Ashkan chegou a Portugal em 1988. Ao sair do aeroporto, viu pela primeira vez um arco-íris! Mas essa ideia inicial de beleza mudou rapidamente, quando viu a pobreza das casas à volta da “2ª circular”...

Os primeiros anos são muito duros. Tinha muitas saudades da família.

“Recebia semanalmente cartas do meu pai. Todas as quartas-feiras recebia uma carta e chorava compulsivamente”.

Um dia as cartas pararam de chegar. Escreveu ao pai e recebeu uma carta da mãe que lhe dizia que o pai tinha desaparecido.

“Prenderam o meu pai por ele ter mandado os filhos embora. Ficou preso, incomunicável, durante 2 anos. Ninguém sabia do seu paradeiro. Depois deste período obrigaram-no a ir para a guerra, mas como já tinha 60 anos, ficou lá menos de um ano.”

Entretanto, Ashkan já andava na escola Secundária de Paço D’Arcos, e em paralelo aprendia e aperfeiçoava o português. Mas tinha grande dificuldade em fazer amigos. Era conhecido na escola como “o árabe”. *“Pensavam que eu era um terrorista ou algo assim”.*

NOVAS PERTENÇAS E INCLUSÃO

Até que um dia decidiu ingressar na associação de estudantes da escola. A sua situação começou a mudar. Fez amigos e iniciou uma participação ativa nas atividades escolares.

“Fiz amigos que tenho até hoje. Amizade mesmo profunda. Somos amigos até hoje. Um deles até é padrinho do meu filho. Era bem recebido pelas suas famílias. Convidavam-me para o Natal. Também cuidavam de mim, como era jovem queria fazer isto e aquilo e eles... Espera, vai devagar... não te metas nisto... Eram verdadeiros amigos...”

A vida continuava a mudar. Aos 18 anos conseguiu um emprego numa pizzaria, em Cascais. Estudava e trabalhava. Começou a ganhar dinheiro e como o irmão ia casar-se, decidiu mudar de casa e viver sozinho.

Um dia o irmão fez-lhe o convite para trabalharem juntos. O irmão pretendia criar uma empresa para abastecer um restaurante em Cascais. Pediu demissão da pizzaria e começou a trabalhar com o irmão. Levantava-se todos os dias às 3 da manhã para ir buscar batatas, tomates, cebolas ao mercado da Ribeira, em Lisboa, e transportar os bens de comboio, de volta até Cascais. Ganharam algum dinheiro, o que lhes permitiu comprar uma pequena carrinha e alargar o negócio. Passaram então a abastecer mais três restaurantes.

Pouco a pouco, são reconhecidos pelos restaurantes de Cascais como trabalhadores, honestos, cumpridores de prazos. *“Íamos às 3 da manhã para o mercado. Só assim assegurávamos que tínhamos os melhores produtos. Éramos sempre os primeiros a chegar.”* A fama foi crescendo e a empresa também.

Tem de se correr riscos e mostrar determinação e capacidade empreendedora

AS HISTÓRIAS: ASHKAN

A VIDA EM PORTUGAL

Em paralelo com o trabalho, também a vida social e comunitária de Ashkan se intensificava. Já estabilizado do ponto de vista financeiro, Ashkan conheceu a sua primeira esposa. Ela, de nacionalidade brasileira, deu a Ashkan uma nova perspectiva de vida. Ashkan viajou para o Brasil onde conheceu a família da sua esposa e criou laços afetivos que estão ainda hoje presentes na sua vida. “É ainda a minha família, a minha família brasileira”. Com a primeira esposa teve um filho, hoje com 14 anos. Projetou no filho toda e esperança de um mundo novo. Passado algum tempo o casamento não deu certo e Ashkan divorciou-se. Apesar da separação, mantém um bom relacionamento com a ex-esposa, tendo com ela a guarda partilhada do filho.

Há cerca de dois anos, Ashkan conheceu a sua atual esposa. Ela, técnica superior de alimentação, foi trabalhar na empresa de Ashkan. Ashkan encantou-se com ela. “Impressionou-me a força dela e, claro, a sua beleza”. Casaram depois de um ano de namoro.

Hoje, Ashkan é proprietário de uma grande empresa de distribuição de alimentos em Portugal. Sendo um empresário de sucesso, Ashkan tem condições financeiras para apoiar os refugiados, especialmente os oriundos do Irão. Como sentiu na própria pele este drama, e agora tendo a posição que tem, sente-se na obrigação de ajudá-los.

Tem refugiados a trabalhar com ele, ajudou outros a estabelecer contactos diretamente com outras instituições de apoio, entre outras iniciativas em que intervém. Durante a nossa entrevista fomos interrompidos algumas vezes para Ashkan atender chamadas telefónicas para tratar assuntos relacionados com refugiados. Só 10 anos após a fuga, Ashkan encontra novamente o pai, a mãe e a irmã.

Pelas 3:00 da manhã já estávamos a caminho do mercado.